

O GRUPO ESPARRAMA E SUA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO CULTURAL: UM ENCONTRO DE IMAGINÁRIOS

Ana Cristina de Souza, Luciana da Conceição e Rosângela Barbalacco¹

RESUMO

Este trabalho aborda a ação de mediação cultural elaborada pelo grupo teatral Esparrama, por meio do projeto Navegar. O objetivo central, a partir da análise da experiência do grupo, é compreender como se deu o processo de mediação, que permitiu a criação do projeto e seus desdobramentos, apresentando o ineditismo da ação no cenário da gestão cultural. Foram analisadas as relações de mediação entre o grupo, o público e a cidade, por meio de outro elemento também mediador, que é a forma como a criança olha para esse espaço. Por fim, buscou-se por meio dessa pesquisa, trazer contribuições e inspirações para elaboração de projetos culturais, com enfoque na infância, de forma reflexiva, crítica, com embasamento teórico e valorização da ação de escuta das crianças.

Palavras-chave: Cidade. Crianças. Educação. Mediação cultural. Teatro.

ABSTRACT

The currently paper approaches the action of cultural mediation elaborated by the theatrical group Esparrama, through the project Navegar. The central objective, based on the experience of the group, is to understand how the mediation process took place, which allowed the creation of the project Navegar and its unfoldings, presenting the group's unprecedented action in the cultural management scenario. The mediation relations between the group, the public and the city were analyzed through

1 Ana Cristina de Souza, pedagoga, especialista em Planejamento e Marketing Turístico, Gestão de Projetos Culturais e Eventos e Docência no Ensino Superior. Atua no Sesc São Paulo, como assistente na Administração Central, na Gerência de Estudos e Programas Sociais. Endereço eletrônico: cristidesouza@gmail.com.
Luciana da Conceição, especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos, graduada em Turismo e, atualmente, graduanda em Pedagogia, pela Universidade de São Paulo. Trabalha com Educação Infantil, na rede privada de ensino formal. Endereço eletrônico: lucianna.com@gmail.com.
Rosângela Barbalacco, graduada em Comunicação Social, Jornalismo. Pós-graduada em História da Arte. Atua no Sesc São Paulo, como assistente na Administração Central, na Gerência de Estudos e Programas Sociais. Endereço eletrônico: barbalacco@gmail.com.

another mediating element, which is the way the child looks at this place. Finally, we sought to bring contributions and inspirations for the elaboration of cultural projects, with a focus on childhood, in a reflexive, critical way, with a theoretical basis and with an appreciation of listen to children.

Keywords: City. Children. Education. Cultural mediation. Theater.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca descrever e analisar o processo de mediação cultural realizado pelo grupo de teatro Esparrama, para a concretização do projeto Navegar. Para realizar esta análise e reflexão foram considerados os aportes teóricos e práticos vivenciados durante o 5º curso de Gestão Cultural do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. Neste contexto, destaca-se o objetivo de evidenciar a importância e ineditismo da mediação cultural realizada por esse grupo de teatro, principalmente, no que diz respeito ao mediar a relação do público com o território por meio de um cuidadoso estudo sobre o olhar da criança para a cidade, por meio da valorização e da prática da escuta desses sujeitos, vivências e percursos pelos territórios da cidade de São Paulo, exposições, espetáculos, ciclo de conversas e publicação impressa.

Vislumbra-se, dentro do possível, trazer visibilidade a esta ferramenta da gestão cultural utilizada pelo grupo Esparrama, considerando-a como um modelo no âmbito das relações entre arte, cultura e infância a partir de percursos educativos, formativos e dialógicos com a cidade. Este grupo teatral desenvolve o seu trabalho com base na relação entre a arte/teatro, a cidade e a infância. Buscam em suas práticas e ações, um diálogo de forma horizontal com o público infantil, e realiza, por meio de formas simbólicas, a abordagem de temas considerados complexos para serem tratados com esta plateia, como: especulação imobiliária, questões de gênero e as possibilidades de usos dos espaços públicos para o brincar.

Neste cenário, o projeto Navegar nasceu de um processo cuidadoso de escutas do grupo Esparrama, no qual abriram-se espaços para outras possibilidades de ação, desdobrando-se em uma exposição, na montagem efetiva do espetáculo, em um ciclo de palestras e uma publicação impressa. Deste modo, as fases desta pesquisa tiveram como base, as descobertas dos formatos através dos quais o grupo realizou a construção do projeto: a observação sobre a forma como relacionaram-se com as crianças em busca de um olhar imprescindível para a construção do espetáculo; a utilização de técnicas que extrapolaram o modelo tradicional de concepção do teatro infantil, onde as formas de percepção das crianças foram essenciais para conscientizar os artistas sobre a importância de espaços para a interação

social infantil; por fim, como ou quando surgiu o olhar para a cidade a partir da perspectiva deste público.

A CRIANÇA E A CIDADE

A modernidade, período no qual existe quase que uma particularidade no modo de se experimentar o espaço e o tempo – devido a relação cambiante dessas variáveis – traz consigo, segundo Cardoso e Daroda (2011), uma série de transformações que altera a forma como se organiza e estabelece a apropriação social do espaço urbano na cidade, privilegiando a expansão de espaços privados e a consequente segregação socioespacial. Este cenário de mudança é comumente utilizado para justificar o esvaziamento e não ocupação dos espaços da cidade, uma vez que trazem implicações relacionadas ao aumento da violência no espaço urbano e à sensação de insegurança, desqualificando as possibilidades existentes no território por meio de uma perspectiva de medo e até mesmo nostalgia, onde “antes as condições eram melhores” (CARDOSO; DARODA, 2011, p. 8). Tal tipo de discurso tenta legitimar a escassez, e até mesmo o fim da experiência da criança no espaço urbano.

Ressalta-se, entre essas mudanças trazidas com a modernidade, o aumento da quantidade de automóveis e, em consequência, de estacionamentos. Brettas (2018) afirma que “o carro tem tomado espaços cada vez maiores nas vias públicas, reduzindo àqueles destinados aos pedestres. Ele tem ocupado quase completamente os espaços públicos, agora utilizados como estacionamento (...)”. Assim, a rua, que ora era concebida como “espaço de brincar”, dá lugar a um desenho de cidade voltada para automóveis, bem como para a expansão de espaços privados.

Nessa perspectiva, é possível entender por que no passado as relações e práticas espaciais das crianças estavam mais conectadas ao espaço público, uma vez que as ruas possuíam uma maior apropriação por serem vistas como espaço da liberdade, do lazer, da brincadeira e do convívio social.

Para além da condição relacionada ao automóvel, o próprio desenho da cidade não é pensado para o público infantil. A acessibilidade aos espaços, o tamanho dos mobiliários, a altura de placas, entre outros elementos, não possui uma projeção que dialoga com as crianças. Mas, ainda que cercado por limitações e arbitrariedades, esse mesmo cenário, também suscita possibilidades para se pensar novas formas de relação no espaço urbano e, para isso, é necessário antes de entender a relação da criança com a cidade, entender sua relação com o espaço como um todo.

A maneira pela qual a criança enxerga e vive o espaço é muito diferente da lógica do adulto. O primeiro ponto a ser levado em consideração

é vislumbrar a “criança como sujeito situado social e historicamente, que vivencia e produz bens de cultura (...)” (DAHLBERG; MOSS e PENCE apud GOBBI, PINAZZA, 2014, p. 11), pois por essa perspectiva a criança é reconhecida como sujeito de direito e, portanto, passa a ter – ou deveria ter – sua voz escutada e apreciada.

O reconhecimento da infância como construção social, como contexto no qual as crianças participam como atores sociais, capazes de lidar com signos e símbolos, construídos pelos mundos sociais adultos, e de reinterpretá-los, de acordo com as culturas produzidas entre pares, provoca o destaque às culturas infantis. (NASCIMENTO, 2014, p. 293).

Essa leitura, da criança como produtora de sua própria cultura, a retira da condição de ser observada apenas como um ser em desenvolvimento e valoriza a sua forma particular de ser e estar na sociedade. “Trata-se do sentido de inserção cultural da criança, nos moldes defendidos por psicólogos como Bruner e Vigotsky, não como mera espectadora, mas como construtora de significados para as coisas que vivencia e sua relação com o mundo (...)” (GOBBI; PINAZZA, 2014, p. 15)

Feitas tais considerações, nota-se que essas particularidades, esses imaginários, próprios do universo infantil, são transpostos para a cidade afetando a maneira como a criança caminha, observa e se relaciona com esse espaço. O imaginário da criança é muito rico, mas comumente regrado pelo mundo adulto, tendo seus momentos de livre expressão e criatividade, contidos ou podados gradativamente. Assim, a cidade deve repensar sua vocação e voltar a ser um lugar de encontro e de trocas entre todas as pessoas (BRETTAS, 2018).

Nesse sentido, algumas escolas passaram a compreender de forma mais holística esse cenário e a assumir outros compromissos em seus projetos pedagógicos, passando a considerar a criança como protagonista de sua história e produtora de cultura. A partir desta compreensão, e de políticas públicas e novos olhares para a educação infantil, muitos espaços de educação formal ampliaram o seu diálogo para além dos muros da escola, entendendo a importância do seu papel formador de maneira integral e da escola como instituição articuladora, e não castradora.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. (SILVA, 2016, p. 36, apud SANTOS, 2002, p. 10)

Desta maneira, emerge-se a necessidade de pensar outras possibilidades para o território e sua apropriação pelas crianças, mobilizando um

sentimento de ocupação e pertencimento a este, a partir de uma reelaboração espacial. “A necessidade de construirmos olhares e práticas que nos capacitem a ver e aprender com as crianças, desde que nascem, rompendo então com propostas e relações verticais em que o pensamento adulto predomina” (GOBBI; PINAZZA, 2014. p. 33).

No âmbito do ensino formal, por uma série de fatores, pouco se articulam práticas concretas que corroborem no desenvolvimento humano. Tampouco fortifica-se a construção de diálogos com territórios externos ao espaço escolar. Nesta perspectiva, a compreensão da necessidade de interconexões entre educação e cultura se torna importante para uma abordagem mais holística. Porém, é necessário atentar-se às limitações que grande parte dos equipamentos culturais da cidade de São Paulo apresentam, seja na fragilidade do acesso, infraestrutura, conteúdos programáticos, ou na maneira como o setor educativo organiza-se.

Nesse sentido, cada vez mais se fortalece a ideia de que uma cidade projetada para crianças é uma cidade boa para todos, pois contempla a sociedade em todas as suas demandas e diversidade. Assim, mobilizam-se práticas que corroborem para a constituição de uma Cidade Educadora, onde toda a sociedade é tida como responsável e parte do processo educativo. De acordo com Gobbi e Pinazza (2014):

(...) a arte que se traduz nas diversas manifestações: nas narrativas, nas histórias, nos desenhos, nas dramatizações, nas pinturas, nos movimentos, enfim, em todas as expressões possíveis do pensamento e que, uma vez apreendidas pelo adulto e pela própria criança, num esforço documental, podem servir de suporte a experiências cada vez mais elaboradas, enriquecidas (...). (GOBBI; PINAZZA, 2014. p. 14-15).

A aproximação com o universo infantil permite o pensar numa outra composição de cenário urbano, a partir dos usos que a criança faz da cidade e do modo como relaciona-se com ela. A cidade, tida como objeto de disputa de diferentes interesses, deve ser um lugar enquanto espaço de ação da subjetividade, da afetividade, do imaginário e da construção coletiva.

MEDIAÇÕES

Comumente conceituada como a ponte entre o mediador e o mediado, a mediação ainda é pensada numa perspectiva limitada, simplista, reduzindo a sua complexidade e gama de elementos que estão envolvidos nesse processo. O mediador, geralmente, atua como monitor e/ou informante, realizando um trabalho que se assemelha a “educação bancária” conceituada por Freire (1977), aniquilando as múltiplas possibilidades de interpretação e fruição de um objeto, criando histórias e narrativas únicas e hegemônicas.

Opondo-se a isso, tem-se a mediação como processo de interação do indivíduo com seu meio externo e do meio externo com o indivíduo, tratando-se de um processo que acontece a partir do encontro e da interação de dois elementos ou mais, não podendo acontecer de forma isolada. Tudo aquilo que compõe um processo de mediação está em confluência dialeticamente, pois a priori afeta e a posteriori é afetado. De acordo com Freire (1977), ninguém aprende sozinho e tampouco ensina nada a ninguém, mas aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo. Nesse sentido, é possível inferir que a mediação se dá nas *zonas intersticiais*, não tendo um arcabouço específico. São diversas as zonas que se convergem para compor um processo de mediação. Por exemplo, o local onde acontece a ação é uma mediação; a escolha da ação é uma mediação; o que é falado sobre determinado objeto é uma mediação e assim por diante.

O desenvolvimento de ações de mediação deve levar em conta a dimensão sociocultural, tanto na aprendizagem quanto no desenvolvimento humano, uma vez que se trata de um condicionante fundamental na internalização consciente. O mediador, de alguma forma, deve: elaborar maneiras de estimular o público a estabelecer alguma relação de seu próprio modo, a partir de sua experiência; estimular a curiosidade, o espírito investigativo e criativo, não limitando as distintas possibilidades de fruição; intervir e ajudar a ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura por meio da instrumentalização. Assim, parece mais adequado falar de mediação enquanto travessia, rompendo com o conceito de ponte, uma vez que para além desta conexão simplista entre dois polos, a mediação envolve toda a experiência do percurso, do processo, que pode ser desenhado na forma de uma espiral, evidenciando o aspecto dialético que a envolve.

As mediações da cultura (das culturas) ganha existência no cruzamento de quatro entidades: o objeto cultural mediado; as representações, crenças e conhecimentos do destinatário da mediação; as representações, crenças, conhecimento e expertises do mediador e o mundo cultural de referência. A que se desenvolve nesse cruzamento concentra também os determinantes sociais ligados ao processo de transmissão dos saberes, dos valores, das emoções (DARRAS, 2009, p. 37).

Percebe-se, a partir da contribuição de Darras (2009) que a mediação envolve diferentes elementos em seu processo. Complementando e aprofundando esse conceito, Martins e Picosque (2012,) afirmam que:

Na tessitura de sua construção não se pode esquecer que mediar implica o sujeito-fruidor como um todo. Isso significa que não se pode provocar apenas sua face cognitiva, conscientizando-o de todas as nuances presentes na obra ou em sua relação com ela; mas, acima de tudo, é preciso promover um contato que deixe canais abertos para sensações, sentidos

e sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte também fala por sua própria língua e é por ela mesma que se a lê. Talvez seja este o espaço do silêncio interno com falas externas nem sempre traduzíveis. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 25)

Observa-se que a mediação também perpassa a corporeidade e a subjetividade do sujeito, reverberando seu processo a partir dessas variadas interações. Nesse sentido, o que fica presente no corpo do sujeito, após uma experiência de mediação, poderá conduzi-lo na busca por outras experiências que alarguem esses desdobramentos ocasionados pela experiência da mediação.

A cidade pode servir como espaço de mediação para manifestações artísticas de diversas formas (...). A arte, especificamente o teatro (...) se mostra, sob esse aspecto, perturbador ao sugerir uma nova relação do transeunte com sua cidade. Claramente, a ideia da arte, como forma de explicitar diferenças, desacordos e descontentamentos, não constitui proposta de se instaurar no espaço urbano um clima agressivo, mas sim como forma de se opor à pacificação artificial e segregadora que ocorre nas cidades. (ROSSETTE JUNIOR e VAZ 2013)

Assim, o teatro, tomado como instrumento de mediação entre arte, cidade e infância, tem o potencial de trazer à tona o imaginário das crianças, suas vozes e olhares, como forma de denunciar uma realidade e disputar um território a partir de uma crítica social.

O GRUPO ESPARRAMA

O Esparrama surgiu em 2012 a partir da provocação de Ester Freire, maetrina e professora desde 2006 do Conservatório de Tatuí. Ela queria criar um espetáculo que unisse palhaços e música erudita. Foi aí que surgiu o espetáculo *Dois por Quatro*, onde dois palhaços disputavam a regência de um quarteto de cordas que tocava ao vivo dois violinos, viola e violoncelo. Esta peça era encenada no formato tradicional de palco e plateia. Entretanto, durante os ensaios do espetáculo, realizados no apartamento de dois atores do grupo, Iarley Rangel e Rani Guerra, na rua Amaral Gurgel, Vila Buarque, quando os palhaços iam para a janela e acabavam fazendo alguma gracinha – e até mesmo pela música dos violinos – as pessoas começavam a parar ali e tentavam ver o que estava acontecendo naquela janela. Assim, nascia a ideia de criar o *Teatro na Janela* para quem passava pelo então Elevado Costa e Silva, hoje denominado João Goulart, mas ainda conhecido popularmente como o viaduto Minhocão.

Finalmente, em novembro de 2013, estreava-se a peça *Esparrama pela Janela*, no Minhocão. O primeiro espetáculo do novo *Teatro na Janela*

contava a história de um morador de um dos prédios em frente ao viaduto que, cansado do barulho que atravessava sua janela, resolveu subverter os ruídos em música. A partir disso, estabelecia-se um universo fantástico com vários personagens: uma princesa que enxergava a cidade com olhos fantasiosos; um casal de monstros, o Amaral e a Gurgel, que representavam a rua Amaral Gurgel; um esportista; um dançarino; um seresteiro gigante e um boneco que colocava as pernas para fora da janela.

O grupo realizou esse trabalho durante um ano de forma independente, sem patrocínio. Contudo, o espetáculo atraiu a atenção da imprensa e do público, segundo informações² de Luciana Gandelini, assessora de comunicação e produtora do grupo quando essa pesquisa foi realizada. Mesmo com a realização dos trabalhos de uma forma independente, o grupo ganhou o Prêmio Governador do Estado de Incentivo ao Teatro Infantil e Jovem, o antigo FEMSA, um dos prêmios mais importantes do teatro infantil da América Latina.

Após o prêmio, conseguiram um patrocínio do Instituto Itaú Cultural, por meio do projeto Rumos, que viabilizou a criação do segundo espetáculo na janela, o Minhoca na Cabeça, que estreou em junho de 2015. Após um ano deste espetáculo em cartaz iniciaram uma nova temporada chamada *Esparrama Amigos pela Janela*, que trazia, a cada domingo, vários grupos e artistas à janela do Minhocão.

Toda semana era realizado um espetáculo diferente, com a troca de elenco durante as apresentações, para que todos os integrantes do grupo pudessem ver o que era a apresentação na janela. Quando o grupo apresentou o primeiro espetáculo, não fazia ideia de como o público perceberia a apresentação. Agora, mais experientes, elaboraram um momento para alimentar a criatividade dos integrantes do grupo em relação às apresentações na janela. Durante esse período, o grupo realizou debates sobre a *Arte e a Cidade* com os artistas que participavam da temporada.

Com o espetáculo Esparrama pela Janela, o grupo se inscreveu no projeto Rumos do Itaú Cultural, na edição 2013 – 2014 e foi contemplado, e desta forma, puderam dar sequência às pesquisas voltadas para o teatro, arte, cidade e crianças.

O PROJETO NAVEGAR E AS CRIANÇAS

Para iniciar este tema, vale ressaltar que o grupo Esparrama foi contemplado pelo 29º Programa de Fomento ao Teatro, em 30 de agosto de 2016, com o valor de R\$ 658.822,00 para a realização do projeto Navegar

2 Informação verbal

que incluía: a continuidade da pesquisa cênica e da ocupação do então Elevado Costa e Silva; a criação e temporada de um espetáculo inédito; a criação e montagem de uma exposição interativa em quatro locais da cidade; a realização de excursões de grupos de crianças para o novo espetáculo; um ciclo de conversas com quatro encontros públicos; publicação pontual de uma revista; temporada do repertório; preparação corporal em circo; oficinas (Manipulação de bonecos, Máscaras, Cenografia, Canto e Palhaço).

No início de 2017, o grupo Esparrama empreendeu uma *expedição* pela cidade de São Paulo indo ao encontro de muitas crianças, com o objetivo de escutá-las. Na segunda metade do ano, essa *viagem ao mundo das crianças* gerou uma exposição com obras de crianças e adultos: *Navegar! Uma expedição por imaginários*, e a estreia do espetáculo Navegar. Para complementar a expedição, o grupo criou um guia da exposição com sugestões de atividades para os professores aprofundarem a experiência dos alunos durante e depois das visitas realizadas a exposição. A intenção era diminuir a distância existente entre o que o grupo apresentava no palco e o que o professor desenvolve na sala de aula. O início deste projeto deu-se quando, dentro do grupo, houve uma discussão sobre a necessidade de escutar as crianças. Passaram a pesquisar antropólogos especialistas em infância, e concluíram que a criança é produtora de cultura e, portanto, precisa ser estudada de forma independente, a fim de ser analisada em suas especificidades. O grupo também passou a considerar a existência de várias infâncias, de acordo com aspectos sociais, econômicos e geográficos, por exemplo, e a questionar, ainda, a relação existente entre palco e público.

Segundo os integrantes do grupo Esparrama³, apesar de existirem diálogos possíveis, não resultariam na escuta que o grupo gostaria de desenvolver para o projeto, ou seja, um processo de interação onde o “eu” se coloca totalmente à disposição do “outro” para entender de fato o que ele diz. E, no caso da criança, essa escuta deveria ser adequada a ela. A criança pode dizer de muitas maneiras: falando, desenhando, dançando, bocejando, correndo, entre outros formatos de expressões. Assim, o grupo denominou o processo de colher as falas das crianças, de escuta.

Todavia, para realizar o processo de escuta das crianças, o grupo tinha duas premissas: encarar as infâncias como produtoras de cultura e, portanto, capazes de intervenções potentes no mundo; e acreditar na experiência como ferramenta para a construção do conhecimento. Esses dois princípios foram seus norteadores para entender e desenvolver a forma

3 Informação verbal prestada pelos integrantes do grupo, que na época da pesquisa era formado pelos atores Iarlei Rangel, Kleber Brianez, Ligia Campos, Luciana Gandelini e Rani Guerra.

como iriam atuar com os próximos três grupos de crianças: as da EMEI Gabriel Prestes, do bairro da Consolação; as do CCA Mina, em Heliópolis e as do grupo de Teatro da Ocupação Hotel Lord, no centro de São Paulo. Para estas escutas, o grupo elaborou uma única pergunta que englobava questões tratadas nos últimos espetáculos: “Qual o imaginário da criança sobre a cidade”? E preparou-se para entender as variadas formas por meio das quais as crianças se expressam.

Nessa preparação, entrou em cena o trabalho da arte-educadora, Laila Sala, que os ajudou a refletir sobre o processo de escuta das crianças, culminando na conclusão de que escuta é uma forma de diálogo. Com orientação da arte-educadora, elaboraram novas estratégias para os próximos encontros: decidiram criar um campo comum de jogo, no qual artistas e crianças brincassem juntos, tornando-se *iguais*, com o intuito de estabelecer um espaço de confiança onde todos pudessem falar e escutar com sinceridade. Para cada um dos três grupos foi elaborada uma narrativa. Eram *historinhas* nas quais atores e crianças eram personagens. No jogo todos eram iguais e não haveria hierarquia. Essa estratégia possibilitou que os artistas propusessem atividades lúdicas envolvendo artes plásticas e teatro, sempre com abordagem direta ou indireta ao tema *cidade*, em meio a criação de um ambiente onde as crianças se sentissem confortáveis.

Na EMEI Gabriel Prestes, o grupo apresentou-se como “visitadores de cidades” cujo barco havia quebrado bem no meio de uma avenida e que estavam em busca de ajuda para o conserto de sua embarcação. Para sorte do grupo, “descobriram que na EMEI todas as crianças eram especialistas em barcos”. Em Heliópolis, apresentaram-se a uma turma de contra-turno como construtores que procuravam ideias para inventar uma nova cidade, “porque todas as cidades construídas até hoje apresentaram muitos problemas”. Já para os estudantes de Teatro da Ocupação Hotel Lord Palace, “o grupo foi buscar ajuda para encontrar os personagens do *Teatro da Janela* que haviam se perdido pela cidade”.

O resultado dos encontros foram as diversas materialidades construídas pelas crianças e artistas convidados, apresentadas na exposição *Navegar! Uma expedição por imaginários*.

O projeto Navegar que foi contemplado pelo 29º Programa de Fomento ao Teatro em 2016, proporcionou ao grupo o início dos processos de pesquisas, onde na mesma época foi convidando o cenógrafo do *Esparrama pela Janela*, Jaime Pinheiro, de Tatuí, para a ministrar oficina de cenografia; André Melo para ministrar a oficina de criação de bonecos; além das oficinas de canto realizadas pelo grupo.

O projeto Navegar também previa algumas expedições por vários espaços. O grupo escolheu crianças daqueles três territórios, que iriam

experimentar as vivências juntamente com os atores para descobrir como elas vivenciavam a cidade. Estes grupos já tinham um trabalho de vivência com a cidade, por isso foram escolhidos tais territórios: o CEU Heliópolis está localizado em um bairro educador; a EMEI Gabriel Prestes realiza algumas vivências com crianças em meio a percursos pela cidade; e a Lord Palace, por sua vez, foi escolhida porque lá havia um grupo de teatro com as crianças, desenvolvido por uma parceira do Esparrama.

Para acompanhar essas vivências o grupo chamou três pesquisadores: Sissy Eiko, na fotografia, Daniel Viana, no texto e Mariana Faria, na ilustração. Estes, acompanharam as vivências com as crianças e fizeram registros poéticos que vieram a fazer parte do livro. Com o material que o grupo recolheu dessas vivências - desenhos, massinhas, música, estandarte pintado – somando-se ao material dos registradores, foi criada a referida exposição *Navegar! Uma expedição por imaginários*, que ficou em cartaz em alguns CEUs. Jaime Pinheiro foi o diretor de arte desse evento. Ele montou a exposição na forma de um barco que navegava pelo espaço urbano. Havia uma caixa dos medos, que era o Medrômono, que foi um dos temas que o grupo pesquisou com as crianças: que medos elas tinham com relação à cidade? Havia o mapa afetivo da região onde a criança conseguia marcar que lugares da região ela visitava, que ela gostava de ir. No CEU Heliópolis as crianças guiaram os atores-pesquisadores em percursos pelo bairro. A exposição, que circulou pelo CEU Heliópolis, o CEU Casa Branca, o CEU Butantã e pela Funarte, foi uma maneira de retribuir para as crianças o que elas vivenciaram com o grupo.

A AÇÃO DE MEDIAÇÃO CULTURAL DO GRUPO ESPARRAMA: ENCONTRO DE IMAGINÁRIOS

A ação de mediação cultural do grupo Esparrama, apesar de não ter sido previamente planejada, mas realizada quase que de forma intuitiva a partir dos acontecimentos desencadeados pelo processo criativo dos artistas, constitui-se num modelo inspirador de utilização dessa ferramenta. Observa-se no decorrer desta pesquisa, que tudo o que aconteceu girou em torno do teatro na janela, sendo que o próprio grupo não tida ideia da proporção a ser alcançada considerando a assiduidade do público nas apresentações, na repercussão de mídia e na contemplação dos editais.

Os *Espetáculos na Janela* estão entre as experiências mais marcantes vividas dentro da trajetória do grupo, chegando a aumentar o fluxo do público que circula pelo Minhocão aos finais de semana e feriados, quando ocorrem as apresentações. Desta forma, observa-se a conquista de um espaço com o envolvimento das comunidades dos territórios presentes no

processo. As pessoas começaram a ter uma sensação de pertencimento. De que aquele era o teatro do bairro delas.

Com o desenvolvimento dos projetos, processos de pesquisas e a conclusão do projeto Navegar, observa-se que o trabalho do Esparrama tem um rico embasamento e interface entre arte, cidade e infância.

A experiência com as crianças transformou a ação do grupo. Uma das premissas do Esparrama foi não subestimar as crianças. Nesse sentido, o grupo tem uma abordagem metodológica de debater temas muito complexos em suas produções, utilizando uma linguagem mais acessível para dialogar sobre essas questões com as crianças: como especulação imobiliária, discussão de gênero, relações de poder, entre outros. As crianças são as grandes protagonistas deste projeto, e junto com elas se atingiu a profundidade nas ações.

Durante diálogos realizados com a então produtora do grupo na época da pesquisa, Luciana Gandelini, foi explicado⁴ que os integrantes do Esparrama se inspiraram, entre os diversos autores pesquisados, no trabalho do pensador Jorge Larrosa, o qual expressa que a infância é uma novidade radical.

“A relação que a gente teve com essas crianças permitiu que elas se sentissem livres para se expressar. Uma das coisas mais marcantes dessa última temporada do espetáculo Navegar foi que a gente colocou um microfone aberto para as crianças para que elas falassem”, explica Luciana.

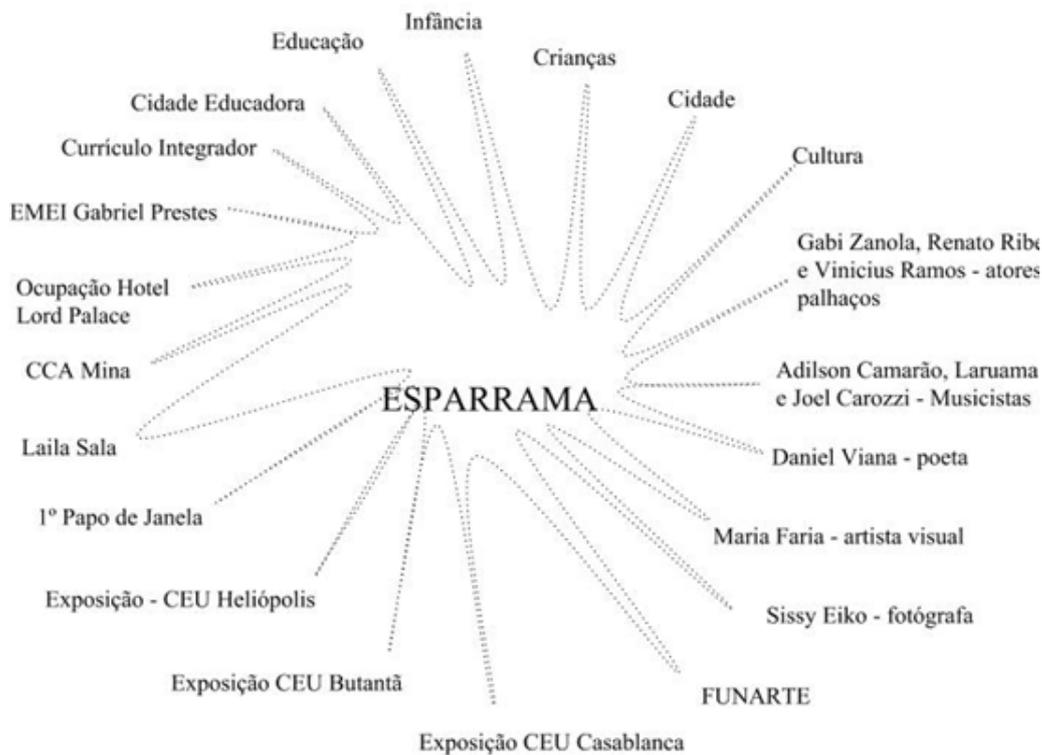
Desta forma, antes de iniciar o espetáculo, as crianças podiam expressar-se livremente: algumas optaram por cantar, outras encenar, contar piada, ou simplesmente falar. Enquanto algumas falavam, outras pintavam a vela do navio do espetáculo, sendo esta mais uma forma de incluí-las no processo criativo do espetáculo, pois participavam também criando um adereço para a peça teatral.

Assim, observa-se que, oferecer a oportunidade de fruição cultural levando em consideração os conhecimentos que esses indivíduos já possuem, relativismo cultural, implica em afirmar que esses sujeitos são portadores de cultura e, também, fortalecem a coparticipação entre o público e o grupo teatral. Pode-se dizer que o Esparrama realiza um trabalho de mediação a partir da relação que estabelece com a cidade e os indivíduos que a compõem, mediando o contato dos espectadores com o espaço público, tendo um trabalho de pesquisa sobre a territorialidade onde o grupo atua. As peças teatrais da companhia conseguem proporcionar um diálogo entre as potencialidades e limitações do espaço urbano, buscando de alguma forma

4 Informação verbal

relacioná-los: um espaço público dilacerado pela ausência de políticas públicas de convivência; um público que, por diversas variáveis, não têm o hábito de frequentar espaços teatrais; o espetáculo de teatro propriamente dito e o público infantil que não costuma ocupar os espaços públicos da cidade.

Com o projeto do *Teatro na Janela*, o grupo consegue estabelecer uma comunicação com um público em trânsito, e fazer do viaduto Minhocão um lugar de encontro com a arte teatral. Para ilustrar a mediação que o grupo Esparrama realizou, por meio de suas conexões e comunicação, elaborou-se um desenho que possibilita a visualização desse processo:



Por meio do acompanhamento do processo de forma integral, a partir da fruição do espetáculo teatral, da visitação à exposição na Funarte, da participação no 1º papo de janela e leitura da publicação sobre o processo criativo do projeto, reconhece-se que o grupo não sistematizou essas ações em um planejamento prévio, e o processo de mediação ocorreu de forma fluída, quase que orgânica, durante a construção do projeto. Desta forma, pode-se observar nesse processo quase que arbitrário, o potencial da mediação enquanto ferramenta de gestão cultural, apropriada pelo grupo Esparrama durante a construção do Projeto Navegar.

Assim, observou-se que apesar de ser considerada uma ação inspiradora, talvez o modelo de mediação do grupo Esparrama não possa ser sistematizado e reproduzido com a mesma garantia de sucesso para outras experiências, uma vez que há diversos fatores nesse processo que necessitam

convergir para que se tenha uma materialização semelhante. Nessa perspectiva, a fluidez, a busca por parceiros e instituições que trabalhavam em propostas confluentes, o financiamento conquistado para realização do projeto, o encontro e o compromisso do grupo com o projeto, foram fundantes para que o processo de mediação cultural ocorresse de forma tão integral.

Neste contexto, reflete-se que o processo de mediação do grupo Esparrama assemelha-se muito mais ao conceito de travessia do que ponte, uma vez que foi a experiência de todo o percurso que o grupo realizou, somada a todas as conexões que estabeleceu durante esse período, que permitiu a reverberação do projeto de uma forma tão ampla e intensa. A mediação, nessa perspectiva, não se deu entre, mas através de tudo aquilo que estava conectado. Sendo assim, pode-se dizer que o processo de navegação do Esparrama atravessou e conquistou diversos mares durante suas expedições. A linguagem teatral artística, como a principal materialidade produzida pelo grupo, fomentou um espaço que estimulou a reflexão e a participação direta do público em seus conteúdos. O teatro enquanto uma linguagem que permite um riquíssimo espaço de formação cultural, acompanhado por um discurso social de denúncia, promoveu o acesso a um espaço público emblemático da cidade de São Paulo e deu voz àqueles que cotidianamente têm seu espaço negado na cidade, transformando a experiência de ocupação do espaço urbano e promovendo a democracia cultural.

Durante a temporada do teatro, o Minhocão teve o seu espaço ocupado por muitas crianças, que tiveram a oportunidade de apreciar uma montagem feita de forma tão sensível e compromissada com as suas demandas. Provavelmente essa experiência construiu um outro olhar e noção de pertencimento e apropriação daquele espaço. Bem como, promoveu a visita desse público à Funarte para apreciação da exposição *“Navegar! Uma expedição por imaginários”*, no qual as crianças tinham seu protagonismo evidenciado em cada detalhe da montagem.

A iniciativa conseguiu reunir profissionais das áreas de educação e produção cultural, estabelecendo diálogos e práticas a partir do olhar da criança para a construção de um espetáculo teatral, que a cada apresentação, mediava com o público participante algumas questões delicadas em relação às problemáticas do viver em uma grande cidade, a utilização dos espaços públicos para a arte, a necessidade de ouvir as crianças e seus anseios cotidianos, entre outros fatores transmitidos por meio do conjunto cenográfico, corpo de atores, músicos e figurino.

Diante disso ficou clara uma experimentação sobre os processos de relação da arte com a sociedade no contexto de interferência e transformação, por meio de denúncias da especulação imobiliária, da falta da garantia de acesso pleno à cidade, e dos usos movidos pelo interesse privado

do território. A arte, como elemento mediador, abre espaço para ideias utópicas e vem para nos ajudar a realizar outras leituras de mundo, criar saídas criativas no cotidiano e romper com a lógica que nos é imposta pelo sistema e pela normatividade.

REFERÊNCIAS

- BRETTAS, Nayana. *Cidade que brinca*. São Paulo: Paulus, 2018. 237 p.
- CARDOSO, Bianca Breyer; DARODA, Raquel F. *Cidade da Infância: Lugar e Cotidiano na Contemporaneidade*. 17 p. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2011/04/cardoso-daroda-cidade-da-infancia.pdf>>. Acesso em: 23. abr. 2018.
- DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: *Arte \ Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 23 - 52.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Apezato (orgs.). *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014. 173 p.
- GRUPO ESPARRAMA, SOUZA, Maira Carcelen. *Navegações teatrais para pequenos tripulantes: diário de bordo do grupo Esparrama*. São Paulo: Grupo Esparrama, Programa Municipal de fomento ao Teatro, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 2018. 47 p.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012. 161 p.
- NASCIMENTO, Maria Leticia B.P. Entre as culturas escolares e as culturas infantis: pequena infância e pesquisa. In PORTUGAL e MELO, B; DIOGO, A.M.; FERREIRA, M.; LOPES, J.T.; GOMES, E.E. Entre a Crise e a Euforia: práticas políticas educativas no Brasil e em Portugal. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. p. 285-307.
- ROSSETE JUNIOR, Everton Nazareth; VAZ, Nelson Popini. Espaços públicos urbanos como cenários artísticos: arte como resistência. In: *Espaços de mediação: a arte e seus públicos*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2013. p. 329 - 338.
- SILVA, Naíme. Território Educador: experiência curricular de diálogo com a cidade. In: *Gestão e Territórios*. p. 255-259. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2016. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/37565.pdf>> Acesso em: 23. abr.2018.